Conclusão

Jesus Cristo é a nossa salvação. Esta é uma verdade fundamental do cristianismo. No primeiro capítulo vimos que o ser humano possui um desejo intrínseco de autorrealização, mas por outro lado, enfrenta situações que o limitam bastante no concurso deste objetivo. A estas situações é que chamamos genericamente de “mal”, que conforme a definição do teólogo J. L. R. de la Peña, têm como efeito comum o fato de provocar dor. Por isso, a necessidade do ser humano de ser salvo, salvação esta que a fé cristã vai encontrar definitivamente no profeta de Nazaré.

Embora esta salvação, em Jesus Cristo, seja definitiva, vimos também que ela deve ser expressa e compreendida nos diferentes contextos vitais nos quais esteja presente o ser humano. Por isso, não é de se estranhar que ela seja tematizada, ao longo da história, de diversas formas. Nestas diferentes tematizações, ocorre de alguns aspectos serem ressaltados e outros negligenciados. Por isso, em toda apresentação da salvação cristã, deve-se sempre ter presente que a sua plena realização só se dará na parusia, ou seja, no “fim da história”.

A tematização da salvação construída no Ocidente foi influenciada por diversos fatores, de grande complexidade, e que serviram para a construção do grande edifício teológico erguido ao longo de séculos. O advento da cultura moderna foi um grande terremoto a provocar imensas rachaduras neste edifício, forçando a um total “repensamento” do mesmo, sob pena dele não se tornar mais “habitável”. A esta tarefa propôs-se o teólogo Andrés Torres Queiruga, cuja obra estudamos de modo específico no que diz respeito às suas reflexões relacionadas ao tema do mal como desafio para a proposta cristã de salvação.

Esta tarefa não significa rendição acrítica aos princípios da modernidade. Significa apenas o reconhecimento de que a fé, neste mundo contingente e finito, sempre se expressa numa cultura, e a cultura na qual nos encontramos é definitivamente diferente daquela na qual se deu a vida e missão de Jesus de Nazaré, em quem, nós cristãos, encontramos a plenitude da revelação divina. Assim, é impossível ignorar que uma das marcas do tempo atual é o reconhecimento de uma salutar autonomia humana, que é capaz de descobrir os princípios de funcionamento da realidade sem recorrer a um mundo de anjos e demônios que manipulariam cada fenômeno cósmico ou cada gesto emitido por

nossa liberdade. Uma certa resistência da teologia em reconhecer esta realidade levou a muitos, sobretudo aqueles mais influenciados pela cultura ilustrada, a ver na religião uma inimiga do progresso.

A teologia de Torres Queiruga é uma mão estendida ao diálogo. Porém, um diálogo que se faz sem negligenciar a própria identidade, mas ao contrário, partindo daquilo que mais a caracteriza. Por isso, toda a preocupação do teólogo galego em recuperar a correta imagem de Deus revelada por Jesus de Nazaré, pois esta imagem é, no seu entender, a melhor resposta àqueles que consideram a religião cristã como um obstáculo para a autonomia e realização humanas. Isso porque em Jesus, Deus se revela como puro amor e total iniciativa de salvação, disposto a entrar na história humana única e exclusivamente para apoiar-nos na nossa tarefa de sermos plenamente nós mesmos.

É a partir desta convicção que Torres Queiruga conclui que o mal não pode vir de Deus. Respeitando a autonomia do ser humano e do mundo criado, próprio da modernidade, vai buscar na própria realidade a razão para a existência do mal, inevitável num mundo finito e contingente como nosso. Assim, ele responde às perguntas de crentes e ateus. Aos que renunciam a fé por estarem altamente influenciados pela mentalidade moderna, vai responder que não faz sentido ser ateu sob a alegação de que Deus não existe, pois se existisse deveria agir de maneira mágica para acabar com o mal, visto que o respeito pela autonomia do mundo contra manipulações divinas é justamente um dos valores tão defendidos pela crítica moderna.

Já aos crentes que questionam porque o Deus amor permite tanto sofrimento e dor, vai lembrar que Deus não poderia criar um mundo perfeito, pois este seria um outro deus. Assim, Deus aceita o risco de criar um mundo contingente e finito, e portanto, sujeito à dor, ao pecado e à morte, porque ainda assim, este mundo vale a pena. O mundo não é mal. Ele é apenas limitadamente bom. Além disso, Deus oferece ao ser humano a força de sua graça, que o sustenta na tarefa de tornar este mundo cada vez melhor, até o dia em que a humanidade possa repousar nEle, e assim gozar do ilimitado de sua infinitude, o que será possível, apesar de sermos criaturas, pela experiência da plena comunhão com Ele.

Aos que questionam por que não logo no início uma salvação que só acontece no final, poupando assim tantos sofrimentos e dores, Queiruga refuta dizendo que um ser humano criado imediatamente pronto, sem o processo histórico do necessário crescimento, seria qualquer coisa, menos humano. A

pedagogia do tempo é fundamental para que o ser humano possa ir constituindo e amadurecendo a sua liberdade finita, sem a qual o ser humano seria um “autêntico ‘aparecido’ para si mesmo”, ou seja, alguém que se espanta com aquilo que vê por não saber quem se é. No fim, não seria ele mesmo.

De qualquer forma, apesar de bem arquitetada, a teologia de Torres Queiruga enfrenta objeções. Contra os que o acusam de maniqueísmo, por dizer que a criação é má, nosso autor refuta dizendo que tudo não passa de uma má compreensão. Em nenhum momento ele diz que a finitude é o mal, mas sim que é a *condição de possibilidade* para que este apareça. Como citamos, a criação é boa, porque fruto do amor de Deus, ainda que padeça de limites, que vão sendo vencidos numa caminhada constante de autossuperação por meio do processo evolutivo. Porém, é bom que se diga que a superação completa se dá como dom de Deus, por meio da páscoa de Cristo.

As objeções mais duras vêm dos adeptos da “renúncia à razão”, por acharem desnecessária toda e qualquer especulação sobre a origem do mal, devendo o discurso teológico concentrar-se na práxis sustentada pela esperança que brota da salvação em Jesus Cristo. Citamos rapidamente, dentro desta linha, no capítulo 2, J. P. Jossua, e sobretudo, no capítulo 3, J. L. R. de la Peña e J. A. Estrada. Este último faz a crítica mais contundente ao teólogo por nós estudado. Dentre tantas afirmações, diz que a especulação racional do nosso autor é extremamente abstrata e distante dos males reais que afligem as pessoas. Torres Queiruga reage dizendo que o recurso ao mistério não deve ser uma desculpa para fugirmos da nossa tarefa reflexiva. Se o mistério de Deus está além da nossa capacidade de compreender, por outro lado, aquilo que é possível compreender não pode ser ilógico e deve ter uma incoerência interna. Além disso, a busca de uma compreensão racional pela origem do mal, longe de ser uma especulação abstrata, ao contrário, pode prover de sentido a luta concreta das pessoas, visto que o ser humano é um ser sempre em busca de sentido, e uma reflexão baseada na realidade e envolvida pela esperança só vem a fortalecer a práxis cristã. Assim, a lógica e o “rigor do conceito”, se alinham ao lado do desejo de diálogo com a modernidade e à afirmação da bondade ilimitada de Deus como um dos elementos que formam o tripé sobre o qual está assentada a teologia do autor galego.

Neste aspecto, confesso que tendo a concordar com os argumentos de Torres Queiruga. O que não quer dizer que não sobrem perguntas a serem feitas ao autor, que a meu ver, podem ser objeto de futuras pesquisas, por extrapolarem o universo desta dissertação. A primeira delas é quanto ao tão

polêmico tema do pecado original. Torres Queiruga identifica a doutrina do “pecado original” com os limites da liberdade finita. Isso parece tirar aquele aspecto de “acidente” inerente à doutrina sobre a entrada do pecado no mundo, presente inclusive nas teologias que tentam uma releitura do pecado original à luz do processo evolutivo. Tal afirmação é coerente com o conjunto do seu projeto teológico. Mas será coerente com aquilo que a teologia e a tradição eclesial vêm afirmando ao longo de séculos? Nesse ponto, continua como uma “pulga atrás da orelha” a afirmação de Estrada de que Queiruga descarta tradições bem consolidadas por simplesmente não saber o que fazer com elas.

A outra pergunta diz respeito ao diálogo da teologia do autor com o universo latino-americano. Gostaria de fazer esse diálogo por duas vertentes. A primeira delas é com aquela teologia que costumeiramente chamamos de teologia da libertação. Parece-me que a reflexão de Torres Queiruga é uma colaboração a mais em relação à sua reflexão. A visão de um Deus amor, porém não intervencionista, que luta contra o mal ao lado do ser humano, mas que conta com a colaboração deste para que esta luta possa avançar, sustenta, apóia e incentiva uma práxis cristã que não fique reduzida apenas ao amor individual, mas que milite na busca de uma sociedade justa, com estruturas que permitam maior igualdade de oportunidade para todos os seres humanos. Um bom exercício teológico seria justamente aprofundar o cruzamento entre estas duas propostas a fim de confirmar (ou não) aquilo que é aqui por mim afirmado.

Já a segunda vertente do diálogo com o nosso contexto, eu gostaria de fazê-lo em relação à religiosidade popular. Nada conheço do contexto europeu, porém, a partir do que descreve Torres Queiruga, parece-me que a realidade com a qual ele está dialogando é bastante diferente daquela em que nos encontramos (ou pelo menos, em que me encontro). Não descarto o avanço da mentalidade moderna entre nós, com o seu extremo racionalismo, ateísmo teórico ou prático e radicalismo antirreligioso. Porém, devo dizer que vivo e desenvolvo o meu ministério na Baixada Fluminense, em meio ao povo pobre e sofrido da periferia da grande metrópole (talvez eu esteja dizendo isso um pouco tarde demais, pois a nossa origem diz muito sobre as nossas motivações!). Embora afetado diretamente pela cultura moderna, que afinal é a cultura urbana, este povo ainda carrega consigo, em sua maioria, em relação ao universo religioso, uma cosmovisão mítica, povoada de anjos e demônios, com forças espirituais invisíveis a conduzir todos os aspectos da vida. Não é à toa o grande sucesso do neopentecostalismo, que ganha o povo simples com um discurso extremamente apocalíptico, atribuindo os sucessos e fracassos desta vida ao

reflexo da luta sobrenatural entre os poderes divinos e demoníacos. Como introduzir esta sadia reflexão queiruguiana num universo tão distinto do seu, e como utilizá-la como forma de “vacinar” a religiosidade popular contra o individualismo pós-moderno que entra de cheio nessa realidade nas suas mais variadas formas? Confesso que esta reflexão me fascina e que eu gostaria de aprofundá-la oportunamente.

De qualquer forma, a meu ver, a teologia de Torres Queiruga alcança sucesso naquilo que é o seu maior objetivo. Ela resgata um rosto terno e amoroso de Deus, que nos encoraja a viver uma vida segura, por enfrentarmos as lutas diárias na certeza de ter ao nosso lado esse que é o nosso maior companheiro. Porém, somente discursos não bastam. Para que ele tenha impacto em nossa cultura e em nossa sociedade, ele precisa ser acompanhado de uma nova práxis, que abandone definitivamente a pastoral do medo e inaugure a pastoral da misericórdia. Que a reflexão do teólogo galego ajude um pouco mais às nossas Igrejas a refletir este rosto do Deus Salvador, a fim de que possamos ser fonte de coragem e de alento para aqueles e aquelas que se encontram contorcidos pelas duras investidas do mal. Aliás, parece-me que foi isto, e não outra coisa, o que mais causou fascínio ao povo da Palestina, no século I, no discurso e no comportamento de Jesus de Nazaré, a tal ponto de muitos encontrarem nele alguém que tinha autoridade para se afirmar como o Messias, o realizador definitivo do Reino de Deus.